
METAMORFOSE DAS FERIDAS: FORMAÇÃO DIASPÓRICA NA LITERATURA CONTEMPORÂNEA DE LÍNGUA PORTUGUESA

METAMORPHOSIS OF WOUNDS: DIASPORIC FORMATION IN CONTEMPORARY LITERATURE PORTUGUESE LANGUAGE

 **Luciany Aparecida Alves Santos**

luciany.aaparecida@gmail.com

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia
Afro-Brasileira (Unilab/Malês)
São Francisco do Conde, BA, Brasil.



Dossiê

Ressonâncias de escriturais:
literatura, antirracismo e educação
literária

Organizadoras:

 Dra. Adriana de F. A. L. Barbosa

 Dra. Milena Britto de Queiroz

 Dra. Ana Flávia Magalhães Pinto

v. 30, n. 57, dez. 2021
Brasília, DF
ISSN 1982-9701



10.26512/cerrados.v30i57.38250

Fluxo da Submissão

Submetido em: 30/05/2021

Aprovado em: 14/12/2021

Distribuído sob



Resumo/Abstract

Palavras-chave/Keywords

Este artigo apresenta leituras críticas de poemas das escritoras contemporâneas Conceição Evaristo, Conceição Lima e Fernanda Bastos. A proposta é pensar como a literatura contemporânea de língua portuguesa tem criado um campo de formação diaspórica. Tomando a história como ponto de inspiração, os trabalhos dessas poetisas têm composto uma robusta antologia que amplia os estudos sobre identidades culturais e nação. Nesses poemas, a exposição de dores coloniais instaura um corpo de presença que faz dessa lírica contemporânea em língua portuguesa um texto necessário para letramentos antirracistas.

Díaspóra. Literatura. Conceição Evaristo. Conceição Lima. Fernanda Bastos.

This article presents critical readings of poems by contemporary writers Conceição Evaristo, Conceição Lima and Fernanda Bastos. The proposal is to think about how contemporary Portuguese-language literature has created a field of diasporic formation. Taking history as a point of inspiration, the works of these poets have composed a robust anthology that expands the studies on cultural identities and nation. In these poems, the exhibition of colonial pains establishes a body of presence that makes this contemporary lyric in Portuguese a necessary text for anti-racist literacies.

Diasporic. Literature. Conceição Evaristo. Conceição Lima. Fernanda Bastos.

Começos

Sementes

Não procurem no vazio das cavernas
a marca primordial, a germinação.

Cavernas são cavernas.

Na onda se inscreve todo o princípio
as sementes da blasfêmia e da redenção

Conceição Lima

O poema “Sementes” da escritora são-tomense, Conceição Lima, traz o mar como um lugar de origem: “Na onda se inscreve todo o princípio”. A professora Inocência Mata aponta o mar como uma constante projeção lírica na literatura são-tomense (MATA, 2008, p. 73). Um mar complexo e cheio de significados, ligações, contrastes e aproximações (MATA, 2008, p. 90). Esse mar em Conceição Lima é pós-colonial. É um mar de cartografia diaspórica. Nas ondas estão “as sementes da blasfêmia”. O mar é marca original de todo o contrassenso do tráfico colonial. Porém, a onda não é um princípio simples, ela não sustenta uma linearidade finita e, portanto, esse mar também é “redenção”.

“Metamorfose das feridas” é um verso de Conceição Lima que está num poema que estudaremos a seguir neste artigo. Esse verso inspira este estudo, pois o que será apontado é como autoras contemporâneas metamorfoseiam enredos da história colonial em suas produções líricas. Desse modo, serão lidos poemas das escritoras Conceição Evaristo, Conceição Lima e Fernanda Bastos e será analisado como o trabalho dessas poetisas são fronteiriços ao desenhar tensões que cartografam questões da história moderna no ponto do trânsito escravista, da colonização e suas chagas. Assim, dizer de uma formação literária diaspórica é pensar identidades culturais nos textos de mulheres negras que vivem/escrevem em países que passaram por processo de colonização.

A proposta é analisar como a linguagem dessas autoras ao retomarem cenas do tráfico de pessoas, do cotidiano anti-humano da colônia, ou das fissuras emocionais e sociais que se alongam nesses países, mesmo em períodos pós-coloniais, são valentes e contributórias para a

formação de um campo de leituras decoloniais. Esses poemas são marcas para uma formação identitária diaspórica. São valentes no sentido do enfrentamento estético que eles provocam.

Stuart Hall em *Da diáspora* levanta várias argumentações para problematizar e redefinir conceitos de nação e identidades culturais. Cruzando discussões com Benedict Anderson, que escreveu *Imagined Communities*, o autor levanta a pergunta: “como são pensadas as nações caribenhas?” (HALL, 2003, p. 26). Questionar a formação nacional de um país que passou por um processo de colonização é um princípio necessário para um estudo decolonial. É deformar a nação, quando essas definições em princípio restringiam identidades. É considerar as fronteiras culturais dessas nações como territórios na formação de suas identidades culturais (HALL, 2003, p. 26).

Hall aponta que pensar identidades culturais na diáspora é pensar “irrevogavelmente uma questão histórica” (HALL, 2003, p. 30). Assim, neste artigo, o apontamento é observar como essas questões históricas são cartografadas nos poemas e como esse cartografar torna-se uma contribuição para o que aqui estou nomeando como formação diaspórica.

Ou melhor, como a literatura das brasileiras Conceição Evaristo, Fernanda Bastos e da são-tomense Conceição Lima é uma metamorfose das feridas, o que não quer dizer dissolução de um trauma, mas marcação histórica do acontecimento. Registrar, na lírica, traços, sinais e citações dessa ferida histórica não é apagá-la do tempo, mas envergar o tempo, fazer do tempo onda e gritar numa cena de silenciamento ou impor o silêncio numa cena de luto.

A literatura contemporânea de língua portuguesa produzida por mulheres negras é refinada e tem construído complexos apontamentos estéticos que contribuem para um letramento mais inclusivo de nós em nossa própria história. Está sendo possível existir na pulsação vigorosa desses versos. Assim, “não procurem no vazio das cavernas/a marca primordial”, “cavernas são cavernas” é no poema que se “inscreve todo o princípio”. O poema, tal qual uma onda, consegue dobrar o tempo,

repetir histórias e instaurar a verticalidade de um corpo de presença no momento-agora de toda leitura. Então, o que os poemas dessas mulheres estão nos oferecendo é corpo-vivo em diferentes distensões de nossas histórias.

Vozes-mulheres

Conceição Evaristo é escritora nascida no Brasil em 1946 e seu poema “Vozes-mulheres” está publicado no livro *Poemas da recordação e outros movimentos*.

Vozes-Mulheres

A voz de minha bisavó
ecoou criança
nos porões do navio.
ecoou lamentos
de uma infância perdida.

A voz de minha avó
ecoou obediência
aos brancos-donos de tudo.

A voz de minha mãe
ecoou baixinho revolta
no fundo das cozinhas alheias
debaixo das trouxas
roupagens sujas dos brancos
pelo caminho empoeirado
rumo à favela.

A minha voz ainda
ecoar versos perplexos
com rimas de sangue
e
fome.

A voz de minha filha
recolhe todas as nossas vozes
recolhe em si
as vozes mudas caladas
engasgadas nas gargantas.
A voz de minha filha
recolhe em si
a fala e o ato.
O ontem – o hoje – o agora.
Na voz de minha filha
se fará ouvir a ressonância
O eco da vida-liberdade (EVARISTO,
2008, p. 10, 11).

As palavras que formam o título desse poema criam um campo semântico que instau-

ram um corpo de presença na página. São vozes mulheres ligadas. Se fosse apenas mulher seria apenas um corpo, mas esse corpo é corpo e presença. E a presença é a voz. São vozes de mulheres que irão assombrar toda a leitura.

Essa escrita de ligar palavras por um hífen é próprio da escritora Conceição Evaristo que, ao fazer isso, amplia o campo semântico dos signos trazendo ao poema a ideia de um corpo-vivo. Como aponta bell hooks, “o privilégio de negar o próprio corpo” é heteronormativo, patriarcal e branco (HOOKS, 2017, p. 183). E estando a escritora Evaristo num lugar de posicionar-se com a dor (recordações históricas dos processos da colonização), ela elabora uma escrita que cria uma *poieses* a partir da exposição da presença do corpo.

Esse movimento de expor o corpo, suas fraturas e dores históricas é um ponto importante para o que nomeio de um poema que contribui para uma formação diaspórica. É um texto que corrobora com um processo educacional de valoração das identidades de corpos-mulheres que trazem em sua genealogia identitária as marcas da colonização. Ou, como aponta bell hooks: “todos nós somos sujeitos da história. Temos de voltar a um estado de presença do corpo para desconstruir o modo como o poder tradicionalmente se orquestrou na sala de aula, negando subjetividade a alguns grupos e facultando-a a outros” (HOOKS, 2017, p. 186). Poemas, como esse de Conceição Evaristo, são necessários para que se possa pensar de modo mais múltiplo as identidades nacionais.

No poema “Vozes-Mulheres”, a escritora Evaristo oferece complexa subjetividade a corpos-mulheres. A voz lírica nesse poema cria corpo a partir do deslocamento do tempo, que é marcado pela alteração da conjugação verbal. O poema é dividido em cinco partes, sendo as três primeiras marcadas pelo verbo ecoar no tempo passado “ecoou”. A quarta parte o verbo aparece conjugado no presente “ecoar” e na quinta parte o verbo ecoar se desloca pela palavra “fala” e aparece substantivado numa projeção positiva de futuro “se fará ouvir a ressonância/o eco da vida-liberdade”.

Ao produzir um apontamento entre as

palavras ligadas por hífen que titulam e fecham o poema e da conjugação verbal apresentada na palavra eco podemos inferir o seguinte desenho: vozes-mulheres que ecoam, que ecoam, que se farão ouvir num eco de vida-liberdade. Ou seja, Conceição Evaristo liga vozes à vida e mulher à liberdade a partir do ato de falar. Esse poema nos fala de história, realiza um apontamento entre séculos: “porões do navio”, “brancos-donos de tudo”, “no fundo das cozinhas alheias”, “roupagens sujas dos brancos”, “pelo caminho empoeirado/ruma à favela”, “com rimas de sangue”, “a fala e o ato”. É como se caminhássemos de mil e seiscentos a dois mil e vinte e um. Da imagem de uma jovem mulher negra sendo traficada a uma jovem mulher negra na cena de uma leitura de um poema, por exemplo, num *slam* (a fala e o ato).

No poema “Vozes-Mulheres”, Conceição Evaristo “chama a atenção para o corpo” como um movimento de “trair um legado de repressão” e violência (HOOKS, 2017, p. 253). E esse corpo de presença que se instaura na página, na leitura desse poema não é um corpo da distância, mas um corpo da cartografia da fronteira familiar: “minha bisavó”, “minha avó”, “minha mãe”, “a minha voz”, “minha filha”. A marca dessa linha matrilinear é pronominal (minha); é corpo de presença sem dúvida; ou, para fazer uso de uma palavra criada pela autora é *escrevivência*.

Em *Ensinando a transgredir bell hooks* faz um agradecimento:

sou grata às muitas mulheres e homens que ousam criar teoria a partir do lugar da dor e da luta, que expõem corajosamente suas feridas para nos oferecer sua experiência como mestra e guia, como meio para mapear novas jornadas teóricas (HOOKS, 2017, p. 103).

Conceição Evaristo criou a palavra *escrevivência* para falar desse acionamento estético do escrever em parceria com experiência vividas e/ou sentidas. “Vozes-mulheres” segue por esse caminho, é o ouvir do tempo que a poeta traçou para cartografar esperanças.

Esta Viagem

Conceição Lima é escritora nascida em São Tomé e Príncipe em 1961 e seu poema “Esta viagem” está publicado no livro *O país de Akendenguê*.

Esta viagem

Esta viagem não responde às minhas perguntas.

Trespassei o aço das certezas.
Heranças, devorei-as.

A etapa seguinte rasga a prévia cartografia
Toda a fronteira é um apelo à renúncia.

Perscrutei mares cidades sinais nas pedras
papiros.

Ao encontro da linguagem da tribo azul
cada passo me afasta de um rito sagrado.

Esta caminhada decreta um tráfico sem
remissão:
a fortaleza do sonho pela metamorfose das
feridas.

Vítima da memória, nenhum deus me acolhe
à chegada (LIMA, 2012, p. 71).

“Esta viagem” traz no título a marca de uma proximidade. É uma viagem próxima ao *eu-lírico*, é uma viagem específica e não aquela de *outrem*. Stuart Hall aponta que “o conceito fechado de diáspora se apoia sobre uma concepção binária de diferença. Está fundado sobre a construção de uma fronteira de exclusão e depende da construção de um ‘Outro’ e de uma oposição rígida entre o dentro e o fora” (HALL, 2003, p. 32-33). Desse modo, para Hall, pensar diáspora como ampliação de uma identidade cultural é pensar diferenças. Ainda tendo como inspiração os pensamentos desse autor, pensar uma identidade cultural, por exemplo, num contexto literário contemporâneo que faça referência ao período colonial é pensar a partir de uma noção de diferença que não se pautará no binarismo, mas numa *places de passage* (HALL, 2003, p. 33). Num lugar de meio que produz movimentos, deslocamentos e

encontros. No contexto desse artigo, esse lugar de meio é o poema, é a poesia contemporânea de mulheres negras que inspira leituras que pautam uma cena diaspórica.

O apontamento desse caminho que Stuart Hall (2003) faz uso para definir identidades e mediações culturais, nos auxilia aqui a compreender como poemas contemporâneos, como esse de Conceição Lima, são auxiliares na formação de uma cartografia diaspórica. “Esta viagem” é um poema que lê de modo complexo o processo de colonização e a busca da identidade após esse processo.

“Esta viagem não” é o começo do primeiro verso do poema e essa negativa orienta, desde o princípio, os destinos que a autora deseja encaminhar nessa navegação. “Esta viagem não responde às minhas perguntas”, o primeiro verso confirma a ligação entre a ação do poema (referência a uma determinada viagem) e a marcação do *eu-lírico*. Desse modo, em “Esta viagem” existe, desde os primeiros riscos, o apontamento de uma voz – marcada em primeira pessoa.

“Trespassei”: atravesssei, cruzei, cortei, percorri, penetrei. O campo semântico levantado pelo verbo transpassar é fortíssimo e na complementariedade do verso entendemos porque essa palavra deveria mesmo ter essa força: “Trespassei o aço das certezas. / Heranças, devorei-as”. No caminho de responder perguntas esse *eu* corta o ferro, que não é qualquer ferro, é o aço das certezas, é o ferro da qualidade do que é exato. E o que é exato? Podemos perguntar e o poema responde: as “heranças”. Mas essas, o próprio poema argumenta, não existem mais, pois o *eu* as devorou. E o verbo devorar, que instaura o campo semântico do comer, vai além do comer como a ação de alimentar-se de, posto que o devorar traz também o tragar. Esse verbo traz o mar. O mar é aquele que traga, que devora.

Instaurado o mar, o poema faz outra ponderação anticolonial: “A etapa seguinte rasga a prévia cartografia / Toda a fronteira é um apelo à renúncia.” O poema “Esta viagem”, de Conceição Lima, é o apontamento de desejos de uma nova cartografia, não mais a

“prévia”, não mais o que se espera, o que esteve planejado para ser definidor dos caminhos. Esses caminhos, previamente postos, são rasgados. A busca por respostas rompe as certezas e se aproxima a *différance* – a identidade cultural como meio e não como binarismo. A nação não é una, mas pluricultural. “Toda fronteira é um apelo à renúncia”, do que, por exemplo, se pensava ser.

“Perscrutei mares cidades sinais nas pedras papiros” – o *eu* aponta sinais de uma rigorosa investigação de *si*; da história de *si*; histórias que estão em cartografias de mares, cidades, documentos antigos que atestam comprovar certezas de um povo e, conseqüentemente, sua anular unidade.

Esta viagem por respostas de *si*; esse caminhar “Ao encontro da linguagem da tribo azul” leva o *eu* ao encontro de um desvelar; em que “cada passo” lhe “afasta de um rito sagrado”; um desvelar do real, a manutenção de um corpo de presença num estado insone. O *eu*, do poema “Esta viagem” de Conceição Lima, está desperto, não dorme, não sonha.

Essa ação de caminhar por respostas é sem retorno, sem perdão, sem alívio, sem misericórdia: “esta caminhada decreta um tráfico sem remissão: a fortaleza do sonho pela metamorfose das feridas.”. Como assim foi o caminhar do próprio processo histórico do tráfico que pode ser uma das respostas que o *eu* busca “Nesta viagem”.

Este caminhar por estas respostas provoca no *eu* uma troca da segurança do estado de sono, de sonho, da segurança dos papiros, da certeza anular do uno, pelo oxigenar das feridas. Ou seja, a busca por respostas sobre a viagem-original (compreensão sobre o processo da colonização) pode ter como resultado o “Esta viagem”; o metamorfosear das feridas; o *eu* em estado de conscientização do *si*.

“A metamorfose das feridas” como o falar; o alterar a narrativa una da história e acrescentar a diferença, o multi. E essa metamorfose não é simples, pois esse *eu* torna-se uma “vítima da memória” e nesse lugar de reflexão “nenhum deus” lhe “acolhe à chegada”. Ao chegar ao lugar que o poema “Esta via-

gem” nos encaminha não temos mais o sossego mórbido da opressão, mas nos encontramos com as vozes-mulheres da vida-liberdade.

O poema “Esta viagem”, da escritora são-tomense Conceição Lima, se conecta com o poema “Vozes-Mulheres”, da escritora brasileira Conceição Evaristo, como cartografias de um fronteiro transitar tempo histórico. Um aponta o outro como conjuntos de uma mesma antologia diaspórica.

Mãe Preta

Fernanda Bastos é escritora nascida no Brasil em 1985 e seu poema “Mãe Negra” está publicado no livro *Dessa cor*.

Mãe Preta

Aluga-se uma preta
para ama
com muito bom leite, 40 dias
e de primeiro parto,
é muito carinhosa,
não tem vício algum
e é muito sadia
Aluga-se uma preta
para ama
e também se vende a cria.

Aluga-se uma preta
de braços fortes e
de abundante leite
seja cativa ou liberta
trabalhadora de noite e dia

Aluga-se uma preta
sem filho e que saiba cuidar de menina
enquanto cuida de sinhá
à roda os senhores levam toda sua cria

Aluga-se preta
ama-seca muito jeitosa
o leite estancou no peito
assim como os afetos que nos cuidados ela
nutria

Não aluga-se uma preta
caiu fraca, sem leite
sífilis e tuberculose ela tinha

Cobra-se o ordenando da preta
mais humilhação, violência e vilania
o senhor enganado era quem exigia
(BASTOS, 2018, p. 48, 49).

O primeiro apontamento a ser feito sobre este poema é que ele foi escrito inspirado num anúncio publicado em *Jornal* em 1850. Esta informação nos é dada pela autora numa nota de rodapé que está no livro *Dessa cor* na mesma página que começa o “Mãe preta”. Esse ponto, o estreitamente referencial entre a literatura e a história, será a nossa porta de entrada nesse excepcional poema de Fernanda Bastos. Se nos poemas de Conceição Evaristo e Conceição Lima fomos caminhando por cartografias que apontavam a história, em “Mãe preta” Fernanda Bastos traz narrativas históricas com referência documental. Ou seja, esse caminho afirmativo que a autora aciona para a construção estética da poesia acende imensamente essa formação diaspórica de relato da dor.

bell hooks escreve em *Ensinando a Transgredir*: “não é fácil dar nome à nossa dor, teorizar a partir desse lugar” (HOOKS, 2017, p. 103). Parece que é isso que Fernanda Bastos faz em “Mãe Preta” expõe nossas dores coloniais até onde não pareceria suportável. Porém, como numa “metamorfose das feridas”, o arrastar doloroso da lagarta transforma-se num voo de “vida-liberdade”. A história se alia à literatura e ambas gritam vivas no agora: “Aluga-se uma preta” e esse registro é exposição de uma terrível desumanidade.

O poema de Fernanda Bastos fere pelo que expõe, mas fortalece pelo que expõe, pois reafirma a necessidade de Vozes-mulheres em ação de vida-liberdade no presente. É um poema de tempo circular. O ecoar das vozes do tempo em “Mãe Preta” está na possibilidade dele existir, na ação da escritora viva, contemporânea que faz a história ressurgir como uma cobrança do passado que não finda. Como desenhou Conceição Evaristo, no poema “Vozes-Mulheres”, é sempre na projeção de uma que se fará ouvir “o ontem – o hoje – o agora” de outra-ainda-mesmo-ela (EVARISTO, 2008, p. 11).

“Mãe Preta” é um poema assustador. É um bloco histórico que gela nossa espinha nos instaurando irremediavelmente em nossos próprios corpos, instaurando em nós, leitoras e lei-

tores, pessoas vivas, um estado de presença. Quem está viva em nós é a poesia. Essa junção de palavras, que poderia quedar silenciosa na página, se espalha por nossos sentidos, por nossa compreensão de tempo, de mulher, de corpo, de compreensão histórica dos horrores da colonização. É a “minha filha” do poema “Vozes-Mulheres” de Conceição Evaristo que na fala e no ato nos faz ouvir a ressonância do eco daquelas bisavós, avós, mães que tiveram suas falas asfíxiadas, silenciadas, engasgadas. É no agora, no eterno presente do poema, que a poeta instaura o grito do tempo: “Aluga-se uma preta”, mas não deveria ser assim.

E esse eco escutado no agora da leitura do poema ressoa como o instaurar-se de um assombro: “Aluga-se uma preta/ para ama/ com muito bom leite, 40 dias / e de primeiro parto, / é muito carinhosa, / não tem vício algum / e é muito sadia (...) e também se vende a cria.” O que se espera da audiência após a leitura de um poema desse? É o silêncio? “Mãe Preta” instaura o constrangimento no ato do poema. É o explícito delatar de uma cena que todos sabem que existiu, mas que enfeitado sob a estética da lírica passeia pela voz viva como uma aparição. O poema instaura um corpo histórico que deslocado do tempo colonial para o contemporâneo incomoda e acusa.

E “Mãe Preta” aparece de onde? Quem a ouviu? Olhamos para trás assombradas, para o presente acolhedoras e para o futuro temerosas. E, assim, o poema gera o movimento do educar. Do susto que desencadeia a consciência. O poema “Mãe Preta” sobre-ergue-se da página como um letramento formativo que nos instrui sobre a história da diáspora. E, como escreveu Conceição Lima em “Esta viagem”, “vítimas da memória, nenhum deus me acolhe à chegada” (LIMA, 2012, p. 71). E vítimas das memórias que o poema suscita, o movimento possível é o lembrar, é o sustentar-se atentas para a não repetição da performance da opressão.

“Vozes-Mulheres” e “Esta viagem” se conectam a “Mãe Preta” como distensões do tempo. A poética de Evaristo, Lima e Bastos se espelham, são ondas, são princípios, projeções

de futuro e eternos presentes: “Aluga-se uma preta” e desse estado de consciência não há retorno. O tempo de seguir é sempre para frente, mesmo que o passado seja o ilustrador estético de cada movimento.

“Mãe Preta” de Fernanda Bastos é um poema imenso que embarga a voz e limpa os olhos, é água corrente que não se domina, porque é onda e como aprendemos com Conceição Lima “na onda se inscreve todo o princípio” e a poesia faz do agora um corpo vivo de presenças.

Caminhos

Títulos provisórios

Por que sou negra, mamãe?
F, relato de uma escrevivência
Um efeito estético de cor
Vozes veladas
O livro do desassossego dos outros
Baduísmo à brasileira
Outro país ou Na próxima vez tacho fogo
Nos braços da mãe preta e seca sentei e chorei
Memórias de minhas negras tristes
Relato de um certo Atlântico Negro
Cidadã de quarta classe
Brasileirah
Nega fulana

Fernanda Bastos

A conclusão possível a este artigo, como o poema “Títulos provisórios”, de Fernanda Bastos, seria um listar de mais e mais nomes de escritoras contemporâneas de língua portuguesa que estão realizando com suas estéticas o que chamei aqui, tomando de empréstimo o verso de Conceição Lima, de metamorfose das feridas.

O que lemos neste artigo foram poemas que, em diálogo com a história, compõem um campo de formação diaspórica e criam fronteiras cartográficas entre si. Esses poemas são contributos necessários para a saúde de nossas identidades culturais. Eles evidenciam como essas escritoras negras de língua portuguesa enlaçam a estrutura estética de seus trabalhos de linguagem com complexidade e requintadas referências.

Lemos nesse artigo trabalhos densos de três escritoras vivas. Poemas que merecem e devem compor bibliografias de escolas e cursos universitários, pois, podem auxiliar no letramento e possível sensibilização de temas indispensáveis para a conscientização de nossas histórias nacionais.

Não titubeio em afirmar que os poemas “Vozes-Mulheres”, “Esta viagem” e “Mãe Preta” são parte de uma antologia que a literatura contemporânea tem produzido e que constitui um campo de formação diaspórica. Conceição Evaristo, Conceição Lima e Fernanda Bastos são exemplos de escritoras que estão realizando esse trabalho, mas como elas, felizmente, temos mais tantas.

Referências

BASTOS, Fernanda. *Dessa cor*. Porto Alegre: Figura de linguagem, 2018.

EVARISTO, Conceição. *Poemas da recordação e outros movimentos*. Belo Horizonte: Nandyala, 2008.

HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Trad. Adelaine la Guardia Resende, Ana Carolina Escosteguy, Cláudia Álvares, Francisco Rudiger, Sayonara Amaral. 2ª reimpressão revista. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

HOOKS, Bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade*. Trad. Marcelo Brandão Cipolla. 2ª ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

LIMA, Conceição. *O país de Akendenguê*. Lisboa: Editora Caminho, 2012.

MATA, Inocência. *Diálogos com as ilhas: sobre cultura e literatura de São Tomé e príncipe*. 2ª tiragem. Lisboa: Edições Colibri, 2008.

Como Citar:

ALVES SANTOS, L. A. Metamorfose das feridas: formação diaspórica na literatura contemporânea de Língua Portuguesa. *Revista Cerrados*, 30(57). <https://doi.org/10.26512/cerrados.v30i57.38250>